

Ricardo Domeneck\*

## Defesa da mais famosa Górgona

Medusa Medusa  
 artista injustiçada  
 maior escultora da Antiguidade  
 grande representante da mimese  
 inventora da action sculpting  
 fiel aos princípios  
     da Teoria da Recepção  
 proponente da interação  
     com a plateia  
     muito antes do Teatro Oficina  
 praticante da arte democrática  
     acessível compreensível  
     a todos os substratos sociais  
 confiante nos próprios procedimentos  
 defensora da não-separação  
     entre forma e conteúdo  
 que forma e conteúdo ajustam-se  
     mutuamente  
 inseparáveis tua vida e obra  
     cuja beleza habita nos teus olhos  
     de observadora  
     da natureza humana

Medusa Medusa  
     diz a esta geração de Dorian Grays  
     a esta milícia dos frágeis  
     a esta congregação de doridas greis  
 que a lealdade à própria manufatura  
     à própria oftalmofatura  
 ainda que nos custe as serpentes  
     e os cabelos

vale tão mais do que o risinho irônico  
e beato de um Perseu  
    com seus jogos de espelhos  
    com sua arte conceitual  
tu nunca prometeste  
salvar  
    corrigir  
        empossar  
            remir  
jamais te incumbiste a ti mesma  
de salvar princesas

Medusa Medusa  
nós seguidores anacrônicos  
    de tua escola artística  
    do teu lúcido -ismo sem manifesto  
        nós que não somos  
            nem bons nem moços  
nós teus discípulos  
    exegetas do exagero  
    sempre com o dedo no gatilho  
sabemos  
que o rugoso o áspero o sibilante  
    o desagradável o bruto  
    são também joia e quitute  
teus filhos destemidos e feios  
    que estragam o jantar alheio  
        com as cinzas do cinza  
        negligentes do bem-estar social  
sabemos que jamais temeste  
o espelho  
    ou o reflexo e a reflexão-de-si  
mas o aguardaste paciente  
para consumir tua intrínseca vidobra

## NOTA

\* Ricardo Domeneck [@ricardodomeneck] é um poeta, contista e ensaísta brasileiro, nascido em Bebedouro, São Paulo, em 1977. Lançou as coletâneas de poemas *Carta aos anfíbios* (Bem-Te-Vi, 2005), *a cadela sem Logos* (Cosac Naify/7Letras, 2007), *Sons: Arranjo: Garganta* (Cosac Naify/7Letras, 2009), *Cigarros na cama* (Berinjela, 2011), *Ciclo do amante substituível* (7Letras, 2012), *Medir com as próprias mãos a febre* (7Letras, 2015), *Odes a Maximin* (Garupa, 2018) e *O Morse desse corpo* (7Letras, 2020). Em prosa, lançou *Manual para melodrama* (7Letras, 2016) e *Sob a sombra da aboboreira* (7Letras, 2017). Foi coeditor das revistas *Modo de Usar & Co.* (2007-2017) e *Cabaret Wittgenstein*, assim como colunista da *Deutsche Welle Brasil*.